

A FESTA DOS PASTORES.

EDILIO CAMPESTRE

A'

P A Z,

DIRIGIDO

AO ILL.^{MO} E EX.^{MO} SENHOR

D. ANTONIO SOARES
DE NORONHA,

DO CONSELHO DE SUA ALTEZA REAL, E DE GUERRA,
TENENTE GENERAL DOS SEUS EXERCITOS, COM-
MENDADOR DA ORDEM DE S. BENTO
D'AVIZ,

&c. &c. &c.

POR FR. FRANCISCO PEDRO BUSSE,
Da Congregação da Terceira Ordem.



15

L I S B O A,

NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA.

A N N O M. DCCCII.

Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

A FESTA DOS PASTORES
EDILIO CAMPESTRE

P. A. S.

DIRIGIDO
AO ILL.º E EX.º SENHOR
D. ANTONIO SOARES
DE NORONHA,

DO CONSELHO DE SUA ALTEZA REAL, E DE GUERRA,
TENENTE GENERAL DOS SEUS EXERCITOS, COM-
MANDADOR DA ORDEM DE S. BRITO
D'AVIZ,

&c. &c. &c.

POR FR. FRANCISCO PEDRO BUSSE,
Da Congregação da Terceira Ordem



L I S B O A,

NA REGIA OFFICINA TYPOGRAPHICA.

A N N O M. DCCCLII.

Com licença da Mesa do Desembargo do Paço.

2 AO ILL.^{MO} E EX.^{MO} SENHOR
D. ANTONIO SOARES
DE NORONHA.

SONETO.

MAGNANIMO Noronha, Heroe honrado,
D'altas Virtudes immortal portento,
O Canto Pastoril que te apresento
Não he da vil lisonja envenenado.

Para não ser da crize abocanhado
He que procuro o Teu Merecimento,
Que da Fama gentil no eterno affento
Teu Nome em letras d'ouro tem gravado.

Se generoso pois, e destemido
Tantas vezes co' a espada vencedora
Tens o Throno, e a Patria defendido,

Defende-me tambem o Canto agora,
Que no campo innocente foi nascido,
E o bem da Paz celebra encantadora.

A FESTA DOS PASTORES.

2 EDILIO CAMPESTRE D.

A
P A Z.

Alfido, Felisbéa, Palimeu.

NHUMA Aldéa de Lisia florecente,
Que se compõem de honrados Lavradores,
E d'outra de trabalho honesta gente,
Se unirão para festa das melhores,
Pelo annuncio da Paz, da Corte vindo,
Todos os Maiores, e Guardadores.

Mal a aurora assomou, se foi sahindo
Cada hum da cabana preparado
Com seu novo çurrão de enfeito lindo.

Via-se o campo de redor juncado
De verdes ramos de alecrim cheiroso
O dia era de rosas coroado.

Alli no seu salteiro harmonioso
Toca a serrana de jubão vestida,
Que abotoa gentil no peito undoso.

Outra aqui na garganta guarnecida
De luzente collar, o Canto alteia
Ao pé do seu Pastor desvanecida.

Então o moço Alfido, e Felisbéa
Da bella Paz celebrão os louvores
Ao som d'hum arrabil, que bem tentêa
O Velho Palimeu cheio de flores.

(5)



Alfido.

SE hoje, ó Nynfas do Téjo gracioso,
 Me influís cantilena remontada,
 Protesto offerecer-vos respeitoso
 Cordeiro, que me deo a minha Amada,
 Sobre altar recendente, e peregrino,
 Que de Venus, e Jove seja digno.

Felisbéa.

Já não quero cantar em noffa Aldeia
 As paixões dos Pastores namorados,
 As apostas da luta, e da coreia,
 As Deosas das campinas, e silvados:
 Só protesto cantar por toda a vida
 Esta Filha do Ceo, a Paz querida.

Alfido.

Eü vi hum negro Monstro vir marchando
 A' frente de mil serpes enraivado;
 Eis que Deosa de gesto venerando
 Súbito em fuga o tem precipitado.
 Ah! O Monstro era a Guerra turbulenta,
 A Deosa a bella Paz, que o affugenta.

Fe-

(67)

Felisbéa.

Por pé daquellas moitas ir passando
Vi a gente da guerra bem armada,
E ainda de tão longe, palpitando,
Muito tempo fiquei como embaçada.
Desde então que ficarão meus ouvidos
Dos tambores co'a bulha ensurdecidos.

Alfido.

Miseros campos, campos desgraçados,
O castigo commum tão perto vendo!
Ah! Todos morreríamos tragados
Da peste, e fome, pelo mal horrendo.
Porém graças ao Ceo, que assim piedoso
Tanto mal converteo em bem ditoso!

Felisbéa.

Que seria de nós, fracos lidando
Com pragas de tamanha tyrannia!
Hum nos hiria o gado arrebandando,
Outro da boca o pão nos roubaria:
Porém longe de nós tristes pezares,
Transbordem nossos peitos em folgares.

Alfido.

Já podemos lavar as nossas terras
Sem medo do Inimigo atraçoado;
Trazer nossos rebanhos pelas serras,
Dormir o nosso somno descansado.
Tudo nos trouxe neste grande dia
A Paz, Mãe de ventura, e de alegria.

Fe-

((87))

Felisbée.

Sem dúvida, ó Pastores meus queridos,
 Que os Maioraes do Throno Lusitano
 Nos livrarão de males tão crescidos
 Com seus rogos ao Numen Soberano.
 Ah! Sim; que Elles, segundo cá nos contão,
 Sobre o Ceo em Virtudes se remontão.

Alfido.

Se infinitas colmeias eu tivera,
 Ou de rezes manada numerosa,
 Todas de bom agrado offerecera
 A quem nos alcançou a Paz ditosa.
 Ah! Mais que o Sol, depois de noite feia,
 Ella alegrou a toda nossa Aldeia.

Felisbée.

Mil benções immortaes de gloria pura
 Os Ceos vos chovão, Maioraes Supremos,
 Pelo bem indizível, e ventura,
 Que da Paz hoje todos recebemos.
 Mais que as folhas dos bosques, e silvados
 Conteis com gosto os dias engraçados.

Alfido.

Todos os annos pelo enxuto estio
 Ornados de Oliveira verdejante,
 Com brodio, canto, e baile ao desafio
 Jurámos festejar a Paz amante.
 Seu louvor pela bronca penedia
 Repetirá o éco noite, e dia.

Fe-

Felisbéa.

Eu c'o peito em amor todo accendido
Cantarei as Virtudes reverentes
Dos Maioraes do Throno, donde havido
Nos foi tamanho dom do Ceo clemente.
Seus Nomes eu farei, que o valle umbroso
Aprenda a repetir tambem gostoso.

Alfido.

Quanto será vistosa lá na Corte
Dos nobres Estrangeiros a chegada,
Que vem de novo unir em laço forte
Suas gentes á nossa affortunada!
Tudo, tudo será por tal respeito
Alvorço gentil, prazer perfeito.

Felisbéa.

Eu já ouvi dizer que se prepara
Em Palacio de luzes, e riqueza
Banquete campanudo, festa rara,
Que ha de tudo assombrar na redondeza.
Ah! vamos todos ver de companhia
Esta scena de tanta galhardia.

Com mil palmas, e vivas dos Pastores
Acabou a sonora cantilena,
E em mais, e mais transportes brincadores
Da Paz continuou a Festa amena.

F I M

